

O Êxtase do Tempo Vivido: um estudo da sexualidade feminina na “terceira idade” 1

Maria Alves de Toledo Bruns¹
Maria Goreti Almeida²

RESUMO

Bruns, M.A.T.; ALMEIDA, M.G.: *O Êxtase do tempo vivido: um estudo da sexualidade feminina na “terceira idade”*.

O objetivo deste estudo foi compreender o modo de ser de algumas mulheres que expressam que viver prazerosamente aos 60, 70 anos de tempo vivido, é uma das possibilidades do ser humano. Isso ocorreu na interface com a sexualidade, a qual evidencia o modo que a pessoa vivencia sua temporalidade, o que envolve o como lidar com o envelhecimento.

Sob a perspectiva fenomenológica analisamos os discursos dessas mulheres. As convergências entre eles permitiu-nos desmitificar preconceitos e estigmas em relação a realização sexual da mulher após a menopausa.

Evidenciou também que: a ênfase na criatividade e autenticidade; a perda de: medo, inibição e constrangimento; a realização sexual e profissional possibilitam o processo de vir a ser mulher.

1. Doutora em Psicologia Educacional e Docente do Departamento de Psicologia e Educação - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo - Campus de Ribeirão Preto.

2. Psicóloga.

Observação: Este estudo foi apresentado no I Seminário Internacional: “Atención al Anciano en Latinoamérica - Necesidades y Perspectivas”, promovido pelo Centro Iberoamericano de la Tercera Edad. Habana, Cuba, Maio de 1993.

Recebido em 16.06.93

Aprovado em 05.08.93

Unitermos: Sexualidade na terceira idade, envelhecimento, autenticidade, identidade profissional.

SUMMARY

Bruns, M.A.T.; ALMEIDA, M.G.: *The extasy of time lived,- a study of feminine sexuality in the third age.*

The objective of this study was to understand the way of being of some women who expressed that one of the possibilities of the human being is to live joyfully at 60 and 70 years of lived time. This occurs at the interface with sexuality wich evidences the way a person experiences his temporality that involves how he handles aging.

Under the phenomenological perspective we analyzed the discourses of these women. The convergence in their discourses permitted us to demystify preconcepts and stigmas in relation to the sexual realization of women after menopause. Evidenced also were: an emphasis on creativity and authenticity, the loss of fear and inhibition. The sexual and professional realizations permitted the process of being a woman.

Keywords: Third age sexuality, aging, authenticity, professional identity

INTRODUÇÃO

Nossa inquietação em relação ao modo de envelhecer surgiu não só pela consciência que temos de ser a existência humana finita, como também pelo contato com algumas mulheres que experienciam a “*velhice*” de um modo incomum dos padrões socialmente estabelecidos pelo nosso contexto histórico, sócio-político, cultural; ou seja, expressam no dia-a-dia que viver de um modo prazeroso é uma das possibilidades do ser humano mesmo aos 60, 70, 80 anos de tempo vivido.

Este modo de ser “*velho*” despertou-nos a atenção principalmente porque o nosso sistema de regras, normas e leis vem, ao longo dos anos, legando a um número reduzido de seres humanos e aos poucos que têm tido a chance de sobreviver às intempéries, descaso e finitude dos primeiros anos de vida, o estigma de descartável. Por não atender mais às exigências produtivas de uma sociedade de consumo, “*que só reconhece o indivíduo na medida em que ele produz*” como diz Simone de Beauvoir (1970, p. 103), sofre as conseqüências de não ser reconhecido como produtor de mais-valia, e assim, mercadoria que tem seu tempo de uso vencida, deve ser retirada de circulação.

Visto sob esta perspectiva, parece-nos que a sociedade estabelece um “tempo útil”, um “tempo limite” de vida para cada pessoa, o qual é marcado quase sempre pela aposentadoria. Aos que ultrapassaram esse limite, cabem-lhes a punição de serem excluídos do mundo social e passam a serem tratados como fracos, incapazes, inaptos, assexuados; tal como se fossem contagiados por uma doença incurável. Desse modo, a sociedade legitima-se o ato de isolar os “improdutivos”, justifica-se a criação de instituições asilares e estabelece o *como, a maneira* de experienciar a “velhice”.

Ainda sob esta perspectiva, dá-se a impressão que a sociedade ignora os avanços científicos e tecnológicos ocorridos nas diversas áreas de conhecimento humano (gerontologia, química, genética, etc.) que vêm, ao longo da história, garantindo um crescente aumento da expectativa média de vida do humano, inclusive nos países do terceiro mundo.

Essa visão estática, anacrônica, de lidar como tempo vivido, se faz sentir também no reduzido número de pesquisas que enfocam o paradoxo existente entre a permanência e a transitoriedade da existência humana; em outras palavras, estudos que interroguem, questionem o tempo como construção do humano, o qual não só possibilita a própria existência, mas também garanta sua finitude; como diz Augras (1981, p. 27): *‘falar do tempo é descrever toda insegurança ontológica do homem*.

Isso significa admitir a própria ambigüidade, genuína característica do existir humano, ou seja, sua temporalidade, pois a cada momento, ao projetar-se, a pessoa visualiza múltiplos e infinitos horizontes, assim como caminha à inexorável possibilidade de sua finitude. Frente a essa condição única de ser-no-mundo, ao se perceber como um ser inacabado, o homem interroga, perplexo, o sentido de sua própria existência e se angustia, Heidegger (1969).

Angustia-se pela ausência de possibilidade de escolher o seu próprio lançamento ao mundo, pois ao nascer já se encontra num mundo institucionalizado, ao qual tem sua existência submetida. Entretanto, uma vez nele, é responsável pela elaboração de seu projeto de vida, que implica na liberdade de SER e de RE-FAZER, isto é, de atribuir significados às coisas já encontradas nesse mundo como também à sua própria existência. Nesse sentido, paradoxalmente à liberdade, como nos diz Sartre (p. 56): *“somos livres de dar; não importa que sentido a não importa que coisa, mas somos obrigados a dar um sentido a alguma coisa, a pensar, a interpretar e a escolher”*.

Assim, a angústia não se manifesta somente nosso sentimento de estranheza de ser lançado ao mundo, mas também por ser uma das dimensões ontológicas de sua existência, dimensão esta que possibilita ao homem mergulhar no nada, como também compreender o sentido de sua própria existência.

Sob a perspectiva de compreender o ser em sua temporalidade, isto é, do ser que ao tornar-se consciente se percebe aberto à possibilidade de construir, ele próprio, a sua existência; do *‘ser que percebe que do sentido*,

da intenção que imprimir ao seu projeto de vida decorrerá a autenticidade de sua existência” (Bruns, 1992), é que propomos desvelar, ao longo dessa pesquisa, o modo de ser de algumas mulheres que expressam no dia-a-dia que viver prazerosamente aos 60, 70 anos de tempo vivido é uma das possibilidades da existência humana.

Esse desvelamento ocorre na interface com a sexualidade, pois acreditamos que ela expressa a essência do SER, ou seja, a sexualidade constitui na pessoa o que há de mais elementar na busca de sua identidade sexual e social. Desse modo, desvendando a sexualidade conhecemos os múltiplos e infinitos discursos do corpo, que revelam a intimidade e a totalidade do ser humano.

Ao revelar a história pessoal de cada um de nós, a sexualidade evidencia o modo que o SER experiencia sua temporalidade, o que envolve o como lidar com o envelhecimento ao longo do tempo vivido.

Explícita, ainda, o discurso das interdições, transgressões e permissões estabelecidas histórica e culturalmente por cada sociedade. Nesse sentido, o modo de vivenciar a própria sexualidade coincide com a arte erótica que cada cultura cria, sendo portanto, ilusório pensar que o modo de experienciá-la seja universal e idêntica a todos; da mesma maneira, cada sociedade elabora o seu sistema de valores, crenças, leis, códigos de como lidar com a velhice.

Assim, sob o prisma moralístico a repressor, essas mulheres tiveram suas existências compartilhadas com e própria dinâmica da nossa sociedade, a partir da década de 30, e embora assistindo a muitas modificações ao longo de várias décadas, a sexualidade continua ainda hoje sendo geradora de profunda inquietação e insatisfação. Estudos de Freud (1974), Reich (1983), Foucault (1977), Alberoni (1988), Chauí (1985), Bruns e Grassi (1992); permitem-nos tal afirmação.

Não que seja a sexualidade a causa dessa inquietação, mas é nela onde se manifesta essa insatisfação. Irrompendo na sexualidade, ela é transformada através da relação amorosa “*porque deixa entrever o maravilhoso, o extraordinário, o emocionante, o sublime, ou então, também o diferente, o desconhecido, o desafio*”, Alberoni (1989, ... p. 23).

Sob essa perspectiva interrogamos como o fenômeno sexualidade tem sido significativo para as mulheres que, aos 60, 70 anos, expressam uma grande alegria de viver. O que as movem a ultrapassar os preconceitos, os rótulos e estigmas estabelecidos pela classe e/ou grupo social e a viverem de um modo prazeroso? Como vivenciam o processo de envelhecimento?

O acesso a esse modo de ser ocorreu por intermédio de seus discursos, os quais, referindo-se às experiências vividas, revelam o sentido e o significado da própria existência do SER. Ao falar das experiências afetivas e sexuais, estarão afluindo o passado, o vivido, não no sentido do que ficou para trás, mas como vivências que estão sempre presentes no agora, marcando e acentuando os significados do porvir, do futuro.

“O homem se compreende ao retornar seu passado para projetar-se no futuro, e se desconhece se desconhecer seu passado” (Beaini, ... p. 42). Há, nessa perspectiva, a ultrapassagem, a transcendência entre os momentos passado-presente-futuro. O presente é flagrado pelas experiências passadas, juntamente com a utopia do futuro. Ao falar de como “tem sido” experienciada a sexualidade ao longo dos 60, 70 anos de tempo vivido, essas mulheres estarão desvelando um modo próprio de ser-no-mundo, que é a expressão do significado que cada uma imprimiu ao seu próprio projeto de vida.

Isto nos parece ser muito significativo para nosso momento histórico, não só porque a sexualidade nos remete ao mais íntimo de nosso ser, tornando-nos *“únicos diante da multiplicidade de originalidades insignificantes no mundo”* (Bruns, M.A.T. e Grassi, M.V.EC., p. 99), como também pela ausência de bibliografia e estudos que enfocam a sexualidade feminina sob o prisma ontológico e ainda mais a sexualidade na *“terceira idade”*.

O investigar ontológico possibilita-nos vislumbrar as mais variadas matizes desse vasto e desconhecido arco-íris que é a sexualidade de cada um de nós, levando-nos a um olhar atento; olhar no sentido de procurar, perscrutar nas frestas desse arco-íris a essência, o sentido, a compreensão da nossa própria existência.

TRAJETÓRIA FENOMENOLÓGICA

Optamos pela trajetória fenomenológica, por nos possibilitar, por intermédio dos discursos e dos significados neles contidos, apreendermos as percepções de vivências afetivo-sexuais na trajetória temporal de mulheres que expressam que viver bem aos 60, 70 anos de tempo vivido é um dos modos de expressar-se no mundo.

Essa trajetória nos permitiu situar o fenômeno sexualidade na interface com o envelhecimento, evidenciando o seu desvelamento ontológico, o que significa ir à sua essência com a intenção de explicá-lo, de tornar transparente o que se mostra obscuro nos discursos ingênuos.

Sujeitos: Participaram desse estudo três mulheres com mais de 56 anos, residentes em Campinas, SP, voluntárias que se dispuseram a relatar a questão orientadora: *“Descreva as experiências significativas que marcaram a sua história de vida em relação aos seus amores, paixões, experiências sexuais, que você vivenciou e vivencia ainda hoje”*.

Esses relatos foram gravados e submetidos aos momentos da análise fenomenológica.

MOMENTOS DA ANÁLISE

Os discursos foram lidos buscando apreender o sentido global da linguagem dos sujeitos, em seguida relidos com a intenção de obter os aspectos estruturais, invariantes, ou seja, as unidades significativas, a partir da perspectiva psicológica adotada nessa investigação.

As unidades de significado não são entendidas como elementos soltos, mas sim como constituintes, isto é, o que representa significado em relação ao todo e vice-versa.

Desse modo, o pesquisador mergulha na perspectiva do depoente, estabelecendo uma relação, no sentido de esclarecer, des-velar o sentido e o significado velado que permeiam os discursos, sendo portanto, pertinente a um horizonte existencial, o qual se estende à medida que um olhar atento abarque, aproprie-se de novas e ilimitadas nuances, perspectivas que envolvem a compreensão e interpretação humana.

O discurso, sendo um dos modos do homem expressar-se ao mundo, contém significados da totalidade das experiências vividas, porém nem sempre explicitados.

A redução fenomenológica é necessária para se chegar a evidências, a explicitar a essência. Entretanto, a essência não é o fim da análise, mas o meio pelo qual o fenômeno investigado pode ser iluminado, compreendido, explicitado.

APRESENTAÇÃO DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO DOS DISCURSOS DOS SUJEITOS (UM, DOIS E TRÊS)* E COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO

O casamento

“Saí do colégio de freiras e me casei. Naquele tempo tinha que casar com fulano ou sicrano, né, ... então minha mãe apresentou-me a ferando e casamos...”

Casei sem saber de nada, era tão bobinha, fiz uma viagem de núpcias e lá chorei demais com o que aconteceu comigo, porque eu não sabia daquilo” (Carmem, 56 anos).

* Como garantia de anonimato os nomes verdadeiros foram substituídos por Sarita, Dalva e Carmem.

“Casei muito jovem e não sabia de nada... tive relação com muita dor, quando ele (marido) acabou o sexo, ele disse que não sangrou... Fui ao banheiro e me cortei pra ele ver que sangrou” (Sarita, 58 anos).

“Quando era menina, era inocente, não me casei, sou solteira, mas tenho uma filha... A sociedade é muito ingrata, ela dá, mas tira também, às vezes a gente é obrigada a calar e não dar satisfação de certas intimidades da vida da gente. Até hoje tenho o complexo de ser mãe solteira.

Eu passei pelo sonho de príncipe encantado também... sonhei com um marido ideal... Tive uma pessoa, ele gostava demais de mim. Eu tive por ele grande respeito... ele é o pai da minha filha” (Dalva, 70 anos).

Compreensão e interpretação

Ao refazerem o percurso da infância-adolescência, os discursos testemunham pontos, marcos onde a significação da vida dessas mulheres recai na *“preparação para o matrimônio”*. Cabendo à mãe educá-las, com rigor executava a tarefa de prepará-las para viverem em harmonia com as normas e regras vigentes da época...

Casar era e/ou é, uma dessas regras sociais vigentes que toda mulher deve vivenciar. Desse modo, essas mulheres casaram, reproduzindo as normas, os valores e os papéis desempenhados por suas mães.

Tinham portanto, no casamento o único lugar lícito para o exercício da sexualidade, a qual era confirmada por intermédio do número e do sexo da prole. A preferência paterna era ou continua sendo, ainda, pelos varões. E quando o casamento, por alguma razão não ocorria, a mulher sentia-se muito frustrada - O discurso de Dalva expressa bem esse modo de ser *“...eu passei pelo sonho do príncipe encantado também... sonhei com um marido ideal...”*

Assim, a mulher que não consolidava o matrimônio estava excluída do meio social, restando à mesma apenas cuidar dos sobrinhos e dos pais. Aquela que assumia a sexualidade fora do casamento, tendo-a delatada com o nascimento de uma criança, a sociedade também não lhe perdoava a vivência do desejo. Marginalizada do meio social, cabia-lhe apenas carregar ao longo da existência o estigma, o *“complexo de ser mãe solteira”* (Dalva).

Esse relato revela o preço da auto-repressão. A sociedade não tolera aquele que ultrapassa suas normas, regras e leis, a minoria é sempre repreendida - principalmente tratando-se da mulher - o pai solteiro, a sociedade cobra muito pouco, tão pouco que às vezes ele nem sabe que é pai.

Outro aspecto que nos chamou a atenção nesses relatos, refere-se à dessexualização da infância e da adolescência. () “...era tão bobinha”(Carmem). () “..., eu não sabia de nada” (Sarita). () “... Quando era criança, era inocente “, diz Dalva.

Para Bernardi (1977:17), “a dessexualização das crianças e jovens produz, enfim, um fenômeno marginal, porém importante para uma sociedade conservadora: a docilidade, a inocência e a maleabilidade dos educandos. Destruída a idéia do prazer, é fácil impor a idéia do ‘dever’. Isto é, do sacrifício, da obediência, da disciplina, da resignação”.

Sob esse prisma moralístico e repressor, a educação e/ou a deseducação sexual dessas mulheres ocorreu. Eram preparadas para dissimularem o desejo sexual. Falamos em dissimulação poi acreditarmos que a sociedade capitalista elabora seus próprios mecanismos de transmutar em outros tipos de desejos o desejo sexual, poi exemplo o cuidado excessivo com as tarefas domésticas ou mesmo nos tipos de lazer e/ou esporte: as academias de ginástica e musculação podem ser consideradas campeãs. Entretanto, nem sempre com sucesso.

A SEPARAÇÃO MATRIMONIAL

“... Os anos foram passando e eu tive 3 filhos, mas não me realizava sexualmente. Cheguei num ponto que falei pro Fernando (marido)... Olha, eu quero ser feliz e você tem o mesmo direito de ser feliz. Eu quero viver a minha vida como eu gosto, porque eu gosto de passear e você não; eu gosto de viajar, dançar e de ter amigos e você não. você é completamente ao contrário. Então vai viver a tua vida e eu a minha... Assim separamos... Comecei a trabalhar e desenvolvo até hoje uma atividade na qual me realizo” (Carmem).

“Meu casamento foi tropeçando daqui e dali - tive 4 filhos, um belo dia ele (marido) se envolveu com uma moça e se afastou de mim. Aí passei a me organizar economicamente, a sair para dançar, passear, aí conheci o... Edu” (Sarita).

Compreensão e interpretação

Acompanhando a trajetória existencial dessas mulheres, percebemos que Dalva que é solteira e mãe de uma filha, não conseguiu se moldar aos valores institucionais, ela lançou-se ao exercício de sua sexualidade fora do casamento. Sarita e Carmem foram lançadas ao casamento segundo as normas vigentes. Entretanto, após um certo tempo vivido como

casadas e mães, separaram-se de seus esposos. O que as moveram a assumir tal ação?

Os discursos revelam a monotonia experienciada na unidade familiar “... *Os anos foram passando e eu tive 3 filhos, mas não me realizava sexualmente*” (Carmem).

() “... *Meu casamento foi tropeçando daqui e dali - tive 4 filhos. Um belo dia ele (marido) se envolveu com uma moça e se afastou de mim*” (Sarita).

Esses relatos mostram, ainda, que a sexualidade não se encerra na manutenção da espécie. Se assim fosse, Carmem com 3 filhos e Sarita com 4, estariam realizadas. No entanto, a não realização sexual no seio da instituição familiar, é evidenciada por Carmem ao dizer ao marido que queria ser feliz... E felicidade é expressa pela busca da liberdade para elaborar o seu próprio projeto de vida.

Lançadas a um modo de ser inautêntico desde tenra idade, essas mulheres aceitaram o casamento como o meio de realização pessoal, afetiva e sexual. Afinal, eram educadas para realizá-lo.

Neste modo de ser, ocorre a alienação, e o eu alienado opõe-se ao processo de individuação e conscientização, e assim passa-se a viver de um modo impessoal. Perdendo o domínio de si mesmo, a pessoa experiencia, sem dúvida, o alívio da responsabilidade de sua escolha, O temor do que as outras pessoas poderiam pensar, seja em relação ao preconceito atribuído à mulher solteira, seja o *status* social que o casamento conferia e/ou confere ainda à mulher, corroboraram, induziram Carmem a aceitar o *fulano que sua mãe lhe apresentou pra ser seu esposo*”.

Há nessa aceitação uma atitude cômoda, impessoal. A pessoa experiencia sua temporalidade como se fosse uma sequência de “agoras” e atribui ao destino as justificativas para seus atos e ações. “*Ao explicar sua existência pelos atos do destino significa a não elaboração de projetos, ou seja, a ausência de horizontes e perspectivas. O futuro reão se revela como um lugar para o qual a existência é projetada, partindo do que se está sendo. O futuro é o próximo passo que o destino já determinou*” (Bruns, 1992:59).

Entretanto, os anos foram passando, tiveram filhos, e “*um belo dia o marido de Sarita se envolveu com uma moça e afastou-se dela*”; Carmem rebelou-se contra o seu modo inautêntico de ser e diz ao marido: “*Olha! Eu quero viver a minha vida como eu gosto, porque eu gosto de viajar; dançar e de ter amigos e você não. Então vá viver a tua vida e eu a minha... Assim nos separamos...*”

Nesse momento, numa perspectiva de totalidade, que é formada por aspectos contraditórios, incertos, mas que estão indissolivelmente ligados - como a liberdade, facticidade, impotência e vulnerabilidade, essas

mulheres avaliaram o sentido e o significado que estavam atribuindo à própria existência.

Essa tomada de consciência possibilitou-lhes ver, descobrir, a aparente segurança e tranquilidade que estavam experienciando na unidade familiar, o que envolve, muitas vezes, ter que abrir mão de mordomias, *status* que o próprio modelo patriarcal de casamento se inseria na década de 50, 60 e às vezes até hoje, tendo no homem o único responsável para prover economicamente a família.

Não é fácil deixar de ceder a tentações tão bem arquitetadas por nossa sociedade de consumo, onde as prioridades autênticas nos relacionamentos, que envolve responsabilidades, são substituídas pelo descompromisso. Nesse modo de ser, a pessoa aprende a atribuir ao outro a culpa de seus fracassos e/ou sucessos.

Mas, a lucidez se faz presente para essas mulheres, que, diante de si mesmas, perceberam que eram detentoras de possibilidades de vir-a-ser, o que significa potencialidades para serem livres, para escolher a elaborar um projeto de vida próprio, ou seja, correr riscos e assumir responsabilidades de suas ações.

A tomada de consciência desse modo inautêntico de vivenciar a existência é realizado com angústia. Angústia por se sentir responsável em relação a si mesmo, a qual arranca o ser de “*sua morada*”, de “*sua tranquilidade*” e aparente “*segurança*” e permite o seu desvelar-se, o seu auto-conhecimento. Esse processo é doloroso... indigesto... mas inevitável ao ser que percebe que pode elaborar a executar o seu próprio projeto de vida.

A partir daí essas mulheres inauguraram sua liberdade para se organizarem profissionalmente. O que, sem dúvida, confere à pessoa uma identidade pessoal, social e política. Conjuntamente assegura a visualização de outros horizontes, outras facetas desse ilimitado mundo que compõe nossa existência.

Desse modo, parece-nos que a separação conjugal possibilitou a essas mulheres a descoberta do direito de SER e de RE-FAZER a própria trajetória existencial, e assim partirem em busca do prazer.

A BUSCA E... O ENCONTRO AMOROSO

Carmem fala: “... *Conheci o Rô, uma pessoa maravilhosa, vivemos juntos 20 anos... Vinte anos, mas com intensidade, aprendi a amar, aprendi o que era vida sexual completa, nós éramos almas gêmeas. Tudo o que eu gostava ele gostava.*”

Sabe! É muito importante se sentir sexualmente bem, ele me completava e eu a ele.

Ele tinha uma paixão bárbara, forte, por mim... Era tão forte que às vezes ao ouvir a minha voz, por telefone, ele excitava... Aí vinha para minha casa e vivíamos aquele amor gostoso. Sabe... não era todo dia, umas 3 vezes por semana. A gente vivia bem mesmo... “

Sarita diz: “... encontrei Edu, com o qual conheci a vida, o mundo, o prazer, o cheiro de pele de homem, conheci tudo... foi entrega total...

Vivemos dois anos de sonho, amor e liberdade terminou e aí eu mudei de cidade.

Um dia saí pra dançar e encontrei o Zeca, aí conheci o maior amor da minha vida.

Com Zeca eu não via o mundo pelos olhos dele, mas os meus olhos só viam ele... Foi pleno, foi loucura, era pouco tempo pra gente...

Eu e Zeca ficávamos sentados na varanda filosofando... Ele dizia que a maior paixão da vida dele foi eu. Uma amizade muito forte. Não interferia em nada na minha vida. Eu sempre tive liberdade de dizer tudo a ele. Ele todo dia me dizia tudo...

Sabe! Com Zeca criou um elo... Não tínhamos sexo todos os dias... No começo ele pedia pra eu ligar e só dizer alô?! “

Dalva relata: “... O amor tem suas variações. Existe o amor paixão. Eu estava com o pai da minha filha quando conheci a maior paixão da minha vida - o Jota.

Sexualmente fui muito feliz com o Jota. Descobri que nos meus pés existe muita sexualidade. Os pés também conquistam. Com Jota eu tive um ‘quadro bonito’, o pedido de casamento.

(..) O momento do gozo é uma elevação, é o céu, o êxtase, minha metamorfose envolvida na beleza da vida...”

Compreensão e interpretação

Os discursos revelam um modo de ser peculiar que o humano pode vir a experienciar ao longo de seu tempo vivido - o enamoramento ou estado nascente. Para Alberoni (1986) nesses momentos, Eros se manifesta lançando o SER em busca de novas trilhas.

Rompe-se desse modo com a monotonia, com a rotina que faz com que todos os dias sejam sempre os mesmos. Como nos dizeres de Chico Buarque...

“Todo dia ela faz tudo sempre igual, me sacode as seis horas da manhã, me sorri um sorriso pontual e me beija com a boca de hotelã...”.

Parece-nos que no momento que o ser humano não consegue mais suportar a angústia do rame-rame cotidiano, da monotonia que faz a previsão do igual e ao se perceber exausto, cansado, exaurido da aparente segurança que a unidade doméstica possibilita, se vir, então, lançado ao fascínio do desconhecido, que com sua dose de incerteza a de risco, rebole, remexe e revoluciona o estável, o comum, o rotineiro e segue desse modo incerto a trilha em busca de novos encontros amorosos.

Nesses períodos, a sexualidade compreendida por nós essencialmente como encontro e comunicação, adquire ism significado singular onde a especialidade é que lhe confere a identidade do SER de estar experienciando o enamoramento.

Essa singularidade é expressa pelos sujeitos da seguinte maneira:

() *“... é muito importante se sentir sexualmente bem, ele me completava e eu a ele...”* (Carmem).

“O momento do gozo é uma elevação, é o céu, o êxtase, minha metamorfose envolvida na beleza da vida... este foi o melhor parceiro de minha vida... pra ele fiz até poesia (Dalva).

“Foi pleno, foi loucura, era pouco tempo pra gente...” (Sarita).

Esses discursos fazem coro com os dizeres de Barthes (1991, ... p. 14):

“Encontro pela vida milhões de corpos; desses milhões posso desejar centenas; mas dessas centenas, amo apenas um. O outro pelo qual estou apaixonado me designa a especialidade do meu desejo “.

Essa especialidade é revelada pela intensidade e intimidade erótica que adquire o gesto, o toque, o cheiro da pessoa amada. Nesses momentos o desejo de estar no corpo do outro possibilita ao SER mergulhar no fantástico mundo da criatividade, liberar os horizontes do imaginário e, numa viagem sem fronteiras, possibilitar à pessoa amada o seu desvelar-se por inteiro. Essa totalidade é evidenciada nos dizeres de Dalva e Sarita desse modo: *“... descobri que nos meus pés existe sexualidade... os pés também conquistam”* (Dalva).

Sarita expressa-se: *“... eu não via o mundo pelos olhos dele, mas os meus olhos só viam ele”*.

Essa viagem de descoberta é vivida a dois, pois ao permitir o desvelar da pessoa amada, desvelo-me também a ela. Nessa fusão se completam e por instantes experienciam a eternidade. Instantes que não são olvidados jamais. Os relatos sobre a separação evidenciam essa possibilidade.

A MORTE E A SEPARAÇÃO

“Ele faleceu a 10 anos atrás, foi horrível, até hoje sonho com ele. Uma paixão assim, não dá para esquecer nunca. Ah! Que saudades?! “ (Carmem).

“Acabou há cinco anos como seu falecimento. Acabou? Não sei... até hoje ele está presente. De uma forma bonita. A noite sonho e transo com ele... Sabe! foi muito forte... forte pra caramba!” (Sarita).

“Ele morreu há vinte anos, mas até hoje está vivo na minha poesia... antes dele tive outros amores... e tenho outros hoje...” (Dalva).

Essas convergências nos mostram que a especialidade do amado continua como *“impressão digital”*, nem sempre visível a olho nu. Entretanto, permanece límpida e gravada nos recônditos do ser. As lembranças, desse modo de ser, ultrapassam as fronteiras do tempo cronológico. Sob esse prisma, é a qualidade do tempo vivido que confere a permanência de significados perenes.

... antes dele eu tive outros amores... e tenho outros hoje:”, entretanto recorda e inspira sua poesia em apenas *“o que foi diferente”* (Dalva).

E assim, esses discursos revelam saudades de um tempo que foi pleno de pessoalidade a envolvimento, que se faz a re-faz reeditando o presente e o futuro. Saudades de um tempo compacto, totalizante que segue revisitando-as por toda a existência. Tal como diz Roberto DaMatta (1992):

‘...Essa temporalidade encantada que nos contamina e, quem sabe, constitua - apesar de tudo - uma das nossas mais fortes razões de viver. Não porque seja a mais adequada ou a mais perfeita, mas simplesmente porque é o nosso modo de ler a perda, a velhice e a nossa inexorável passagem pelo tempo. Essa incrível saudade que permite (re) ligar este mundo com o outro e o passado com o presente. E assim dizendo é, efetivamente, um dos poucos valores positivos, um desses tesouros que temos sem saber e sem pensar.’

Continuando nossa trajetória metodológica, ao retornar aos discursos defrontamo-nos com outras unidades de significados, outras convergências que nos instiga a apresentá-las. Uma diz respeito à separação amorosa experienciada por Sarita e Dalva e outra ao significado de permanecer morando sozinhas.

O DESENCONTRO AMOROSO

Sarita diz: *“... eu fugi da vida do Edu porque eu ia me machucar demais. Sabe., um monte de cobrança por causa da carreira dele. A se-*

paração foi difícil mesmo, mas mudei de cidade e comecei vida nova... novos relacionamentos, mas tudo foi tesão, não foi amor!... “

Dalva expressa: *“Foi amor à primeira vista, nós nos conhecemos num bar. Este foi o melhor parceiro da minha vida. Foi meu príncipe encantado... mas, apareceu outra mulher e disse a mim que ele era dela, aí renunciei e conheci o gosto da renúncia...”*

Compreensão e interpretação

Segundo Igor Caruso (1981: p. 20, 21 e 22), a separação dos amantes é uma das mais dolorosas experiências vividas pelo ser humano, sendo pois pior que a morte, porque “significa, em vida, uma capitulação diante da morte”.

Na separação, há uma sentença de morte recíproca, isto é, o outro-morre em vida dentro de mim e eu morro na consciência do outro. É o sentimento de que apesar de estar vivo em meu corpo, sou um cadáver no outro.

Sob essa perspectiva, a separação amorosa é experienciada de um modo muito doloroso, equivalendo-se a um processo abortivo. É arrancar a vida que floresce dentro do ser.

A separação, pode ser compreendida à medida que olharmos as pessoas em seu contexto histórico social, o que envolve as exigências, proibições e tabus incorporados e vivenciados pelos seres ao longo de sua existência, bem como o sentido, o momento histórico e o significado da relação para a pessoa.

Para Caruso (1981, p: 20) *“os dois seres não perderão a memória, é verdade, mas a recordação que persiste torna-se uma pequena múmia. O esquecimento é, portanto, a primeira e grande defesa contra a própria morte. Mas significa também um homicídio em nome da vida e o suicídio da consciência”*.

Nos relatos de Sarita e de Dalva, encontramos entrelaçados a resignação, a racionalização, a fuga. São recursos utilizados na busca do esquecimento, na luta contra a morte, ou seja, meios que podem permitir a elaboração de uma ideologia consoladora, possibilitando desse modo, um entendimento sobre os riscos e responsabilidades experienciados por suas escolhas.

Outro aspecto que nos despertou a atenção nesses relatos refere-se ao fato dessas mulheres não dividirem a unidade doméstica com seus parceiros como veremos nas próximas unidades de significado.

O COTIDIANO E O AMANTE

“Sabe! A gente saía muito, para passear, jantar, ... só que eu tinha meus filhos pequenos, ele adorava meus filhos. Eu não era separada oficialmente, mas eu tinha direito de viver a minha vida como tínhamos combinado, né?”

... Ele era casado mas não vivia com a mulher na vida sexual, eles moravam juntos por causa dos filhos... ele dizia que ele (esposa) não gostava de sexo, sexo pra ela era para as pessoas da rua, imagine!

Quando íamos ao cinema, era que nem no meu tempo de mocinha, sabe... entrava com a luz acesa, sentava guardava o lugar, quando apagava a luz ele entrava pegava na minha mão e ficávamos juntinhos...

Que paixão linda, meu Deus... que paixão maravilhosa..., isso durou 20 anos, acabou com o seu falecimento” (Carmem).

“Acho que ninguém deve morar junto... Ficamos juntos 5 anos, “acabou” com seu falecimento... - Estou aberta pra tudo, não estou fechada, mas não quero casar novamente” (Sarita).

“Sexualmente fui muito feliz com o Jota, mas nunca moramos juntos” (Dalva).

Compreensão e interpretação

Carmem experienciou um envolvimento que durou 20 anos, mas cada um em sua unidade doméstica. Dalva diz: “fui muito feliz com o Jota, mas nunca moramos juntos”. Sarita relata: “... *estou aberta pra tudo, mas não quero casar novamente...* “

Aqui cabe indagar... *Senti o distanciamento um dos ingredientes necessários para manter um relacionarmento amoroso?*

Sabemos que, de um modo geral, somos pouco criativos no nosso dia-a-dia e que a dimensão do cotidiano é o lugar dos deveres e tarefas institucionais. Assim, nesse universo, o amor erótico sucumbe-se, é como se a intimidade, o erotismo não tolerasse os deveres, as tarefas rotineiras, a monotonia.

Por outro lado, o tempo vivido com o amante é um tempo limitado, Sarita expressa esse limite da seguinte maneira: “*Foi pleno, foi loucura, era pouco tempo pra gente* “.

Nesse sentido, a qualidade do tempo vivido, o significado e o sentido imprime ao encontro proporções extraordinárias e altamente gratificantes para quem o vivencia. Tal como se fosse uma festa, um espetáculo.

O encontro ocorre quando os dois conseguem operacionalizar o tempo. Há portanto, uma preparação criativa, uma predisposição para viver o extraordinário, “as festas”; os espetáculos não ocorrem todos os dias. Alberoni (1988, p: 64) diz que, “às vezes um dos parceiros ou os dois apaixonados preferem conservar o papel de amante para evitar que o amor invada a existência e crie um novo cotidiano”.

Os relatos amorosos expressam ainda outras facetas interessantes, como a amizade, o companherismo, a liberdade, ou seja, o cuidado, o zelo, enfim, a compreensão, que segundo Heidegger são as existencialidades fundamentais do ser humano. Nesse sentido a afetividade possibilitou um desvelamento amplo, total dessas mulheres, que se permitiram experimentar uma entrega radical.

Esse modo de ser amplia os horizontes e dispõe o ser-aí a uma abertura para o mundo - o seu mundo de relações. O que implica numa tomada autêntica de consciência. Às relações humanamente significativas são consequências do encontro autêntico entre as pessoas.

Sob essa perspectiva, os envolvimento autênticos não envelhecem, não saem de moda, ao contrário, continuam reeditados no presente, acompanhando-nos na “inexorável passagem pelo tempo, um desses tesouros que temos sem saber e sem pensar” (Matta).

HORIZONTES...?!

Essa trajetória, considerando o discurso como um dos modos constitutivos do humano expressar-se ao mundo e a si próprio, possibilitou-nos um horizonte de compreensão em relação a sexualidade da mulher na “terceira idade”, o que envolve o modo de lidar com o tempo vivido, ou seja, o estar envelhecendo.

Assim, este estudo permitiu-nos desmistificar alguns preconceitos e estigmas veiculados por nossa cultura em relação a realização sexual da mulher após a menopausa.

Seus relatos revelam que o caminho percorrido em busca da realização afetiva e sexual não foi de fácil acesso. No processo de auto-realização vivenciaram difíceis e dolorosas armadilhas arquitetadas pelo nosso sistema de regras, normas e crenças, que sem dúvida, dificultou e muito, o processo do vir-a-ser mulher. Não se nasce mulher, mas torna-se mulher no decorrer da trajetória existencial.

Nessa trajetória o vir a ser mulher é revelado pelo modo autêntico que elas se apropriaram do feminino. Parece-nos que essa apropriação possibilitaram-nas recriarem um novo modo de ser mulher, muito dife-

rente das normas e crenças pré-estabelecidas pelo grupo social ao qual pertenciam.

Como nos dizeres de Silva (1991, p: 76): *“Ser-no-mundo é experimentar que cada problema não tem soluções superficiais e mecanicistas, mas se enraíza na questão fundamental que constitui o SER humano, ou seja, é saber que existir não indica apenas o simples fato de SER, mas o modo de SER”*.

Nesse sentido, essas mulheres reagiram ao modo superficial e inautêntico em que foram lançadas e passaram a questioná-lo. Perceberam que o mundo das significações utilitárias tão cultuado e cultivado na nossa sociedade são questionáveis e mutáveis.

Seus relatos mostram que a afetividade expressa pelo questionamento em relação ao modo que experienciavam a sexualidade foi o leme que lhes explicitaram pistas, trilhas para o desvendamento de si próprias e do mundo.

Segundo Heidegger, a afetividade coloca o ser-aí numa posição de abertura ao mundo, como é também um dos modos do humano se remeter a si próprio e vir a compreender que existir é descobrir, pouco a pouco, a banalidade, a mediocridade das nossas relações, o vulgar mundano, enfim, o impessoal, o inautêntico, como também é compreender que cada momento do existir humano traz em si a incontornável questão sobre o nosso envelhecimento, a nossa temporalidade, ou seja, a finitude existencial.

Esse modo de ser autêntico que Sarita, Dalva e Carmem imprimiram aos seus projetos de vida, revelam ainda que, são pessoas criativas e que no processo de individuação, aboliram medos e constrangimentos. Correram riscos e assumiram responsabilidades pelos seus atos.

As experiências sexuais foram e são vividas com intensa afetividade e intimidade. Essas mulheres, na década de 50 já visualizavam a própria independência econômica e tinham consciência que ultrapassavam os valores sociais vigentes.

Assim, driblando os preconceitos, parece-nos que essas mulheres conseguiram compreender que a sexualidade não é só expressão biológica do corpo, ela é a expressão do SER que deseja, escolhe, sofre e ama; ela é a linguagem que será tanto mais humana, quanto mais íntima e pessoal for. Nesse sentido os envolvimento amorosos não têm idade para serem experienciados, serão mais e mais gratificantes quanto mais autênticos forem.

Desse modo, “quebrando”, “driblando” preconceitos e estigmas, essas mulheres estão se permitindo viver de maneira “culminante”, distinta que, segundo Maslow (1976), caracteriza-se pela perda do medo, ansiedade, inibição, defesa e constrangimento, ou seja, ao ultrapassarem os “limites” do conhecido, correram risco e assumiram responsabilidades para viverem de maneira prazerosa aos 50, 70 anos de tempo vivido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALBERONI, F. (1986): *Enamoramento e Amor*. Rio de Janeiro, Ed. Rocco.
2. ALBERONI, E (1988): *O Erotismo*. Rio de Janeiro, Ed. Rocco.
3. ANGRAS, M. (1981): *O Ser da Compreensão: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico* - Petrópolis, Ed. Vozes.
4. BARTHES, R. (1981): *Fragmentos de um Discurso Amoroso*. Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves.
5. BEAINI, T.C. (1981): *À Escuta do Silêncio: um estudo sobre a linguagem no pensamento de Heidegger*. São Paulo, Ed. Cortez.
6. BEAUVOIR, S. (1976): *A velhice: As relações com o mundo*. São Paulo, volume II, Ed. Difiel.
7. BERNARDI, M. (1985): *A Deseducação Sexual*. São Paulo, Summus editorial Ltda.
8. BOSI, E. (1979): *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*. São Paulo, T. A. Queiroz.
9. BRUNS, M. A.T (1992): *Não Era Bem Isto o que Eu Esperava da Universidade: um estudo de escolhas profissionais*. Tese de doutoramento - Faculdade de Educação Unicamp.
10. BRUNS, M.A.T. e GRASSI, M. V.C. (1991): *Sexualidade: Discurso do corpo? Um estudo de caso*. In: Revista Brasileira de Sexualidade Humana, volume 11, nº1.
11. BRUNS, M.A.T. e GRASSI, M.V.C. (1993): *Mulher e Sexualidade: o desejo da continuidade*. In: Revista Brasileira de Sexualidade Humana, volume IV, nº1.
12. CARUSO, I. (1981): *A Separação dos Amantes: uma fenomenologia da morte*. São Paulo, Ed. Cortez.
13. CHAUI, M. (1984): *Repressão Sexual: essa nossa (des)conhecida*. São Paulo, Ed. Brasiliense.
14. DAMATTA, R. - In: artigo: *Antropologia da Saudade*. Folha de São Paulo, 28/06/92, 6º caderno.
15. FOUCALT, M. (1977): *História da Sexualidade I*. Rio de Janeiro, Ed. Graal.
16. FREUD, S. (1974): *Esboço de Psicanálise*. In: Coleção Os Pensadores, São Paulo, Ed. Abril Cultural.
17. GOFFMAN, E. (1978): *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro, Ed. Zahar.
18. HEIDEGGER, M. (1969): *Da Experiência do Pensar*. R.S., Ed. Globo.
19. HEIDEGGER, M. (1981): *Todos nós... Ninguém: um enfoque fenomenológico do social* - São Paulo, Ed. Moraes.
20. MASLOW, A.H. (1968) - *Introdução à Psicologia do Ser* - Rio de Janeiro, Livraria Eldorado Ltda.
21. NEUGARTEN, B.L. and DATAN, N. (1973): *Sociological perspectives on the life cycle*. In: P. Baltes and K.W. Schaie (Eds). *Lifespan developmental psychology*, Academic Press, Nova York.
22. REICH, W. (1983): *A Revolução Sexual*. Rio de Janeiro, Ed. Zahar.

23. SARTRE, J.R (1958) por R.M. Albéres: *In: Coleção Clássicos do século XX*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia Ltda.
24. SILVA, A.T (1991): *Sentido dos Existenciais Básicos para Hiedegger* Tese de mestrado, PUC, São Paulo.